

Isaías 63,3-6 em Ap 14,14-20 ‘Intertextualidades’ na tradição hermenêutica joanina do Antigo Testamento: uma ‘Leitura’ contemporânea da tradição profético-escatológica Isaiana no Apocalipse

*Isaiah 63,3-6 in Rev 14,14-20
‘Intertextualities’ in the Johannine hermeneutic tradition of
the Old Testament:
A contemporary ‘Reading’ of the Isaian prophetic-
eschatological tradition in Revelation*

Pedro Paulo Alves dos Santos

Resumo

Este artigo examina as relações de ‘re-utilização’ de Is 63,3-6 na tecedura da narrativa profético-apocalíptica na Tradição Joanina. O acento se coloca sobre a complexidade que se estabelece quando se busca entender os processos de ‘citação’ da tradição isaiana em diversas unidades do Apocalipse (Is 63,1-6 // Ap 14, 14-20). Como caracterizar estes *advances* do texto cristão sobre o horizonte semântico originário da profecia vétero-testamentária? Teorias literárias contemporâneas da complexa ‘alusividade’ entre textos (*intertextualidades/transtextualidades*) desafiam o exegeta do Apocalipse a não buscar somente as fontes textuais do AT no NT (*a quo*), mas visa também entender os mecanismos/operações literárias de conexão e interação entre textos produzidos por leitores cristãos das ‘Escrituras’ (*ad quem*), no novo enquadramento hermenêutico da Fé cristã (Cristologia). Após discutir as perspectivas mais

promissoras para a exegese atual do Apocalipse, sob a influência de novas teorias literárias, como a intertextualidade, para estabelecer novas funções e estratégias literárias do autor do Apocalipse em relação ao Antigo Testamento, em particular aquele originário de ambientes proféticos cabe examinar de perto o fenômeno da alusividade Isaiana no contexto de algumas unidades de Ap 14, 14-20 no estudo de Fekkes e no Comentário de Vanni.

Palavras-chave: Apocalipse. Hermenêutica. Teorias Literárias. Intertextualidades bíblicas.

Abstract

This article examines the relationships of ‘re-use’ of Is 63,3-6 in the weaving of the prophetic-apocalyptic narrative in the Johannine Tradition. The emphasis is placed on the complexity that is established when one seeks to understand the processes of ‘citation’ of the Isaian tradition in various units of the Apocalypse (Is 63,1-6 //Ap 14, 14-20). How to characterize these advances of the Christian text on the semantic horizon originating in Old Testament prophecy? Contemporary literary theories of the complex ‘allusivity’ between texts (intertextualities/transtextualities) challenge the Apocalypse exegete not only to seek OT textual sources in the NT (a quo), but also to understand the literary mechanisms/operations of connection and interaction between texts produced by Christian readers of the ‘Scriptures’ (ad quem), in the new hermeneutic framework of the Christian Faith (Christology). After discussing the most promising perspectives for the current exegesis of the Apocalypse, under the influence of new literary theories, such as intertextuality, to establish new functions and literary strategies of the author of the Apocalypse in relation to the Old Testament, in particular that originating in prophetic environments, it is worth to closely examine the phenomenon of Isaian allusivity in the context of some units of Ap 14, 14-20 in Fekkes’ study and in Vanni’s Commentary.

Keywords: Revelation. Hermeneutics. Literary Theories. Biblical Intertextualities.

Introdução

A temática tratada neste artigo se incorpora à debatida questão do uso do Antigo Testamento nos Escritos e Tradições do Novo Testamento. O tecido do Novo Testamento com o comprovado uso de diversas técnicas de alusão ou citação, já utilizadas no Judaísmo rabínico¹ refere-se permanentemente a textos e contextos vétero-testamentários, e mesmo a outras tradições que depois do “encerramento” do Cânon do AT (Jamnia – 100d.C) foram realocados no universo interessantíssimo dos “apócrifos”.² Não se discute mais essas evidentes relações.³ Mas a questão pode ser colocada de diversas maneiras.

Primeiramente pela “crítica das fontes” ou pela “crítica da redação” das citações do AT no NT.⁴ Como identificar as fontes textuais das diversas tradições textuais neotestamentárias? Textos hebraicos (MT), Textos gregos da LXX ou da revisão de Teodósio, a ainda a fragmentos de textos em aramaico⁵ presentes nos diversos “testemunhos” de tradições apócrifas? Esse caminho erudito e complexo tem exigido dos exegetas, apostas “labirínticas”, que, apesar de imprescindível para elaborar uma teoria factível destas relações, tem-se concluído, em muitos casos, com lacunas.⁶

¹ Desde o clássico artigo de COLLINS, J. J., *Rabbinic Exegesis and Pauline Exegesis*, p. 145-158, até as mais recentes contribuições: JEFFREY, A., *Is Paul also among the prophets?*; ABASCIANO, B. J., *Paul’s Use of the Old Testament in Romans 9.1-9*; PATTE, D. M., *Romans*; YOONJONG, K., *The Divine-Human Relationship in Romans 1-8 in the Light of Interdependence Theory*.

² MONTAGUE, R. J., *The apocryphal New Testament, being the apocryphal Gospels, Acts, Epistles, and Apocalypses, with other narratives and fragments*; PIOVANELLI, P.; BURKE, T.; PETTIPIECE, Th. (Eds.), *Rediscovering the apocryphal continent*.

³ BROCK, S. P.; FRITSCH, Ch. T.; JELLICOE, S., *A classified bibliography of the Septuagint*; NEWTON, M., *The concept of purity at Qumran and in the letters of Paul*; COOK, J. (Ed.), *Septuagint and reception*; ALLEN, D.; SMITH, S. (Ed.), *Methodology in the use of the Old Testament in the new*.

⁴ Muitos estudiosos se debruçam sobre as relações textuais entre as tradições do AT e as citações no NT: EVANS, C. A.; OROPEZA, B. J.; SLOAN, P., *New studies in textual interplay*, mais particularmente a situação da crítica textual do NT: CASTELLI, S., *Johann Jakob Wettstein’s Principles for New Testament Textual Criticism*.

⁵ SHINAN, A., *The Biblical Story as Reflected in Its Aramaic Translations*; LIEBER, L., *Jewish Aramaic poetry from late antiquity*.

⁶ De muita atualidade: EHRMAM, B. D.; HOLMES, M. V. (Eds.), *The text of The New Testament in the Contemporary Research*.

Outra questão, que interessa tratar é o termo “*ad quem*” da produção de leitura bíblica de textos vétero-testamentários nas grandes Tradições do NT.⁷ O interesse do exegeta fixa-se em particular sobre as operações complexas implicadas nas citações e alusões ao AT justificadas pela natureza hermenêutica da Cristologia,⁸ como categoria que dirige os autores do NT e a compreensão desta atividade hermenêutica que se explica a partir do “*sitz im Lebem*” de Tradições eclesiais, judaico-helenísticas.

Neste sentido o acento não recai somente sobre a origem linguística do “*textus*” reutilizado de diversas formas, à disposição da “leitura” cristã primitiva, mas sobre o “porquê” e o “*modus operandi*” em que estes textos foram recebidos e “encaixados” no horizonte compreensivo (interpretativo) cristão.

Percebe-se cada vez mais claramente ao longo dos anos, que as instâncias do Novo Testamento não tomam por mérito o empréstimo das “Escrituras” para simplesmente “validar” o Kérygma (“*dicta probantia*”),⁹ ao contrário, ocorre entender quais mecanismos complexos permitiram aos autores do NT elaborar sobre imagens e textos do AT a “criação” de um novo material, que se reconhece na memória (litúrgica e de leitura) da Comunidade Judaica sem uma reutilização “mecânica” (citações diretas) de suas fontes.

1. Pressupostos: O Antigo Testamento no Livro do Apocalipse

Em relação à compreensão das relações intertextuais entre o “*Corpus Johanneum*” e o Antigo Testamento, diversos autores têm se debruçado sobre esta questão, seja no Evangelho de S. João,¹⁰ seja no Livro do Apocalipse.¹¹ Em

⁷ Na Literatura Paulina há um oceano de pesquisa sobre as relações da exegese de Paulo em relação aos textos do AT utilizados por ele: PENNA, R., L’Atteggiamenti di Paolo verso l’Antico Testamento, p. 175-210; SANTOS, P. P. A., ἄτινά ἐστιν ἀλληγορούμενα (Gl 4,24), p. 86-112.

⁸ A Tese doutoral de PEDROLI, L., Dal Fidanamento alla Nuzialità escatológica; DE JONGE, M. (Ed.), Jewish eschatology, early Christian Christology, and the Testaments of the twelve patriarchs; CHAN, M., Christology From Within and Ahead.

⁹ Sobre o tema em geral: BRATCHER, R. G., Old Testament Quotations in the New Testament; HELISO, D., Pistis and the righteous one.

¹⁰ PAGANIN, I., Si Compia la Scrittura, p. 232, na nota 1, p. 19, traz atualizada Bibliografia sobre a questão.

¹¹ MÁRQUEZ, R. A., L’Antico Testamento nell’Apocalisse; atualíssima a bibliografia sobre estas questões em STEFANELLI, O., Il Trafitto che viene con le Nubi in Ap 1,7, espec. p. 53-61; anterior, mas ainda muito relevante o estudo de PAULIEN, J., Criteria and Assesment of

particular são fecundos os estudos sobre evidentes relações que se podem estabelecer entre o ambiente profético cristão no Apocalipse¹² e a profecia judaica e intertestamentária representada na literatura apocalíptica.¹³ Nas pesquisas dedicadas a esse respeito patenteia-se a impressão que, a questão das citações e alusões vétero-testamentária no conjunto dos Escritos do Novo Testamento possui especificidade de cada tradição. E, isso se acentua expressivamente quando se percorre de perto o Livro do Apocalipse:

Para compreender a relação que se estabelece entre o AT e o Apocalipse é necessário considerar o valor que as Escrituras assumem no interior da obra, mesmo que não apareçam em toda a trama literária, nem citações formais (diretas) nem fórmulas de introdução (“*formula quotationis*”).¹⁴

Quando se lê o livro do Apocalipse se tem a certeza de estarmos imersos na atmosfera do Antigo Testamento. Nenhum outro livro, afirma J. Paulien é tão saturado com o AT como o Apocalipse, porém, se de fato não é difícil

Allusions of the Old Testament in the Book of Revelation, p. 113-130; HIEKE, Th., Die literarische theologische Funktion des Altes Testaments in der Johannesoffenbarung, p. 271-290; WILLS, T., The Old Testament and the Book Revelatio, p. 231-290; PORTER, S., The Language of the Apocalypse in Recent Discussion, p. 582-603; DECOCK, P. B., The Scriptures in the Book of Revelation, p. 373-410.

¹² Clássico o estudo de FEKKES, J., Isaiah and Prophetic Traditions in the Book Revelation, que exploraremos nas análises específicas sobre Isaías nas passagens do Apocalipse; RAMSEY, M., The Spirit of Prophecy Defended; COLLINS, A. Y., Rewritten Prophets, p. 291-300; sob o ponto de vista da crítica textual tradicional: MARCONCINI, B., L’Utilizzazione del T.M. nelle citazione isaiana dell’Apocalisse, p. 113-136. O Aspecto escatológico na tradição de Daniel no Quarto Evangelho foi tratado por MOLONEY, F., The Johanne Son of the Man; HANSON, A. T., The Prophetic Gospel; SANTOS, P. P. A., A Profecia Cristã no Novo Testamento, p. 71-102, SANTOS, P. P. A., O Apocalipse de Jesus Cristo, p. 39-51.

¹³ Atualíssima a contribuição de PEDROLI, L., Strategia della Comunicazione profetica e apocalittica, p. 101-119. Indiscutível a contribuição de ASURMENDI, J., A Apocalíptica, p. 445-461; DOGLIO, C., Il Primogentio dei Morti. Atualizada a questão em COLLINS, A. Y.; COLLINS, J. J.; VILLIERS, P. G. R. (Orgs.), Apocalypticism and Mysticism in Ancient Judaism and Early Christianity. Sobre as relações do Apocalipse com o mundo Greco-romano: HENTEN, J. W., The Intertextual Nexus of Revelation and Graeco-Roman Literature, p. 395-422.

¹⁴ MÁRQUEZ, L’Antico Testamento nell’Apocalisse, p. 115.

reconhecer o lugar central do AT neste livro, é complexo determinar exatamente como este o utiliza.¹⁵

Paulien afirma que a longa discussão sobre a “língua” materna do autor do Apocalipse, que reúne argumentos dos mais variados, desde a presença irregular da língua grega, a alguns “aramaísmos”, não obstrui a hipótese que o grego “irregular” do livro poderia ser intencional, mas do que mera inexperiência na língua grega, o que implicaria em uma “*sui generis*” compreensão do uso do AT por parte do autor:

O uso do AT no Apocalipse pode, por isso, ser bastante problemático se o autor sinaliza claramente ao leitor quando ele está aludindo a um contexto particular do AT. Mas um leitor familiarizado nota rapidamente que o Apocalipse nunca cita o AT diretamente, ao contrário ele o alude com uma palavra aqui, uma frase ali, ou com um conceito em algures.¹⁶

Segundo Márquez, no Apocalipse a escolha de uma imagem particular do AT pressupõe a existência de uma ideia ou conceito na mente do autor, e isto implica que tal imagem sofra mudanças a nível de conteúdo e mesmo do ponto de vista formal receba transformações posteriores, nisso ocorre a “reelaboração” da mensagem teológica implícita.¹⁷

Segundo DeSilva, João não refere citações explícitas com formas introdutivas como encontramos em Mt 1,22; 2,15; 4,14; Jo 19,36¹⁸ para não fragmentar a imediata experiência daqueles que escutam ou leem a narração das visões, do mesmo modo que notas de comentário desaceleram uma narração, interrompendo a imersão do leitor no mundo da narração.

¹⁵ PAULIEN, J., Criteria and Assesment of Allusions of the Old Testament in the Book of Revelation, p. 113. Na mesma linha de raciocínio KOWALSKI, B., Alles neu gemacht?, p. 48-67, STEFANELLI, O., Il Trafitto che viene con le Nubi in Ap 1,7, p. 53-61; MÁRQUEZ, R. A., L’Antico Testamento nell’Apocalisse, p. 114-120: com interesse particular nas fontes textuais, muito mais que na “reutilização” no Apocalipse a acurada análise de MARCONCINI, B., L’Utilizzazione del T.M. nelle citazione isaiane dell’Apocalisse, p. 126-130.

¹⁶ PAULIEN, J., Criteria and Assesment of Allusions of the Old Testament in the Book of Revelation, p. 115.

¹⁷ Entre os estudiosos que pesquisaram os livros do AT no Apocalipse: BIGUZZI, G., L’Antico Testamento nell’ordito dell’Apocalisse, p. 193-213; DESILVA, D. A., Final Topics, p. 215-241; DESILVA, D. A. Seeing Things John’s way.

¹⁸ VOS, L. A., The Synoptic Traditions in the Apocalypse.

Segue-se que para a análise das referências do Antigo Testamento no Apocalipse parece inapropriado o termo “citação” (*quotations*), tornando-se comum entre os estudiosos o uso da palavra “alusão” para referir-se às possibilidades de ‘leitura’ de textos AT, não introduzidos por fórmulas, evidentes e menos evidentes.

2. Contribuições da Crítica Literária Contemporânea

O que dizer dessas teorias contemporâneas de interpretação dos textos? A Bíblia é Palavra de Deus para todas as épocas que se sucedem. Consequentemente não se poderia dispensar uma teoria hermenêutica que permite incorporar os métodos de crítica literária e histórica em um modelo de interpretação mais amplo. Trata-se de ultrapassar a distância entre o tempo dos autores e primeiros destinatários dos textos bíblicos e nossa época contemporânea, de modo a atualizar corretamente a mensagem dos textos para alimentar a vida de fé dos cristãos. Toda exegese dos textos é chamada a ser completada por uma “hermenêutica”, no sentido recente do termo.¹⁹

Em 1993, respondendo a diversos apelos de exegetas e teólogos do mundo inteiro acerca da validade e dos limites do uso de “método literários” e “novas abordagens” a Pontifícia Comissão Bíblica elabora um documento que serviu de base para o desenvolvimento “sadio” das relações entre a exegese histórico-crítica e novos métodos literários e hermenêuticos.

Abordagem através da história dos efeitos do texto. Esta abordagem apoia-se sobre dois princípios: *a)* um texto torna-se uma obra literária somente se ele encontra leitores que lhe dão vida apropriando-se dele; *b)* essa apropriação do texto, que pode se efetuar de maneira individual ou comunitária e toma forma em diferentes domínios (literário, artístico, teológico, ascético e místico), contribui a fazer compreender melhor o texto em si.²⁰

¹⁹ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, A Interpretação da Bíblia na Igreja, n. 2.

²⁰ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, A Interpretação da Bíblia na Igreja, n. 3.

Neste universo teórico-literário emergem significados dos mecanismos de “*alusividade*” no Texto do Apocalipse ao universo de textos, particularmente provenientes das tradições proféticas vétero-testamentárias (Daniel, Zacarias, Isaías, Ezequiel).²¹

2.1. Palimpsestos: Intertextualidade

Tomada do mundo da crítica literária moderna, com a categoria interpretativa de “*alusão*”, esta é entendida como um enunciado da qual a plena inteligência de um texto pressupõe a percepção de uma conexão com outro enunciado que aponta necessariamente para outra de suas inflexões, que diversamente seriam inaceitáveis. Gerard Genette²² chamou esse recurso de literatura de *segunda mão*, em **Palimpsesto**, publicado em 1982.

Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos (mais literalmente: hipertextos) todas as obras derivadas de uma obra anterior, por transformação ou por imitação. Dessa literatura de segunda mão, que se escreve através de leitura, o lugar e a ação no campo literário geralmente, e lamentavelmente, não são reconhecidos. Tentamos aqui explorar esse território. Um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos.²³

Esta teoria decorre de matrizes teóricas de Bakhtin e Kristeva.

Julia Kristeva desponta como uma das primeiras a desenvolver uma elaboração teórica baseada em elementos de discussão interessante das teorias de Bakhtin, para o qual “a intertextualidade se insere numa teoria do texto, englobando suas relações com o sujeito, o inconsciente e a ideologia, numa perspectiva semiótica”.²⁴

²¹ Sobre a Profecia crista antiga: AUNE, D. E., *Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean world*, p. 274-286.

²² PRINCE, G., *Gérard Genette and the Pleasures of Poetics*, p. 3-7.

²³ GENETTE, G., *Palimpsestos*, p. 5.

²⁴ NITRINI, S., *Conceitos Fundamentais*, p. 158.

Todo texto pode ser citado e, portanto, tornar-se citação, mas a citação é uma prática literária definida, que transcende evidentemente cada uma de suas performances e que tem suas características gerais; todo enunciado pode ser investido de uma função paratextual, mas o prefácio (diríamos de bom grado o mesmo do título) é um gênero; a crítica (metatexto) é evidentemente um gênero; somente o arquitexto, certamente, não é uma categoria, pois ele é, se ousar dizer, a própria classificação (literária).²⁵

Segundo Kristeva “a palavra (o texto) é um cruzamento de palavras (textos) onde se lê, pelo menos, outra palavra (texto)”. A partir desta intuição de Bakhtin que o texto exige uma concepção não-linear, para a sua melhor formulação: “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto, daqui nasce precisamente a teoria da ‘intertextualidade’”²⁶ e a linguagem poética como “dupla”. Kristeva identifica completamente sujeito e processo de significação, para ela semioticamente resolve as relações com o texto a partir da “ausência” ou do sujeito: “como genotexto torna-se o lugar teórico de uma espécie de fusão entre processos semióticos heterogêneos – lugar de sua articulação e de sua passagem para o simbólico”.

A palavra literária poder ser entendida, por isso, horizontalmente: “o estatuto da palavra no texto pertence simultaneamente ao sujeito da escritura e ao destinatário” e verticalmente: “a palavra no texto está orientada para o corpus literário anterior ou sincrônico”. Estes dois eixos são designados por Bakhtin como “diálogo” e “ambivalência”.²⁷

Da primeira noção surgem para a escritura dois elementos simultâneos, o texto é diálogo enquanto “enunciado de um autor”, isto é “assumido pelo sujeito” mas também é “uma escritura na qual se lê o outro”. Assim, o “dialogismo de Bakhtin” sugere que a escritura tenha duas dimensões: subjetividade e comunicabilidade. Da segunda noção emerge o valor do

²⁵ NITRINI, S., *Conceitos Fundamentais*, p. 158.

²⁶ NITRINI, S., *Conceitos Fundamentais*, p. 161.

²⁷ NITRINI, S., *Conceitos Fundamentais*, p. 160.

“corpus” na compreensão da escritura: “leitura do corpus anterior, o texto, absorção e réplica a outro texto”.

Com o conceito de “palavra”, Kristeva aproveita e supera o mestre. Ele remete ao sujeito, ela refere-se ao discurso dos personagens e, sobretudo, “ambivalente”: neste caso o autor pode se servir da palavra de outrem para injetar um sentido novo, conservando o sentido que o enunciado já tinha. O autor explora a palavra de outrem, Segundo Kristeva “a palavra (o texto) é um cruzamento de palavras (textos) onde se lê, pelo menos, outra palavra (texto)”.²⁸

Três teses desenvolvem o sistema da ‘intertextualidade’:

1. ‘A linguagem poética é a única infinidade do código’;
2. ‘O texto literário é um duplo: escritura-leitura’;
3. ‘O texto literário é uma rede de conexões’.

Destaca-se assim que “o texto literário se insere no conjunto dos textos, é uma escritura-réplica de outro (outros textos)”. “As relações entre autor e corpus se estabelecem na medida em que ‘Pelo seu modo de escrever, lendo o corpus literário o autor vive na história e a sociedade se escreve no texto’”.²⁹ Isto também vale para a noção de leitura: “‘ler’ era também recolher, colher, espiar, reconhecer os traços, tomar, roubar. ‘Ler’ denota uma participação agressiva, uma expropriação ativa do outro”.³⁰

O conceito de intertextualidade revoluciona o estatuto do texto, tradicionalmente considerado pela marca da “linearidade”: “cada referência textual é o lugar que oferece uma alternativa e semeiam o texto com bifurcações que ampliam o seu espaço semântico”.³¹

Em relação às possíveis relações entre teorias da literatura e a exegese bíblica, Hattina apresenta uma reflexão crítica sobre possíveis “equivocos” que podem ocorrer para a exegese bíblica, na medida em que o conceito de “intertextualidade” não nasce como um meio/ferramenta que busca “possíveis alusões” em textos antigos, mas como “teoria literária” que leva em consideração o texto e o leitor que o interpreta. Neste campo há profundas diferenças no

²⁸ NITRINI, S., Conceitos Fundamentais, p. 160.

²⁹ NITRINI, S., Conceitos Fundamentais, p. 162.

³⁰ NITRINI, S., Conceitos Fundamentais, p. 162: “‘escrever’ seria o ‘ler’ convertido em produção, indústria”.

³¹ NITRINI, S., Conceitos Fundamentais, p. 164: “Distinguir-se-á este fenômeno da presença num texto de uma simples alusão ou reminiscência”.

conceito de texto, na diferença entre “influência”, entendida como conceito diacrônico e “intertextualidade”, entendida como um conceito sincrônico.³²

3. Questões intertextuais no Apocalipse

No estudo do texto do Apocalipse destaca-se que a razão de uma massiva “alusividade” a diversas tradições proféticas do AT teria origem provavelmente na atuação do ambiente profético na tradição Joanina do Apocalipse.³³

Os estudos de Ruiz sobre Ezequiel, de Fekkes sobre Isaías e aqueles de Paulien e de Stefanelli sobre Daniel, ilustram bem que os resultados sobre as possíveis alusões ao AT no Apocalipse têm sido marcados pela instabilidade e ausência de uniformidade nos termos e ferramentas criadas para estabelecer relações textuais de alusão.

Enquanto Vanhoye³⁴ se inspirava no critério da fidelidade ao texto do AT, em uma teoria baseada em leves retoques, utilizações livres e de conjunto, Paulien³⁵ baseando-se em critérios linguísticos, distinguia entre “evidências externas e internas”, em particular paralelos verbais temáticos e estruturais e catalogava as “alusões” em “certas, prováveis e não alusivas”. Ele também introduziu o conceito de “eco”, distinto da “alusão direta”, e que supõe uma referência consciente ao AT. Fekkes elenca três tipologias de alusões: “certain/Virtually certain, Probable/ Possible, Unlikely/Doubtfull”. Segundo Fekkes, João se deixa guiar não por qualquer livro do AT em particular, mas principalmente por alguns temas ou tradições bíblicas. Beale distingue entre “clear allusion” (forma praticamente idêntica à fonte textual e que compartilha com essa, núcleos de significação), “probable allusion”, que contém algumas ideias ou esquemas de ideias que se podem rastrear do AT e “possible Allusion”, onde na linguagem ecoam algumas ideias ou conceitos do AT.

³² HATINA, T. R., Intertextuality and Historical Criticism in the New Testament Studies, p. 28-43; SANTOS, P. P. A., Reflexões sobre as mudanças paradigmáticas nos estudos de literatura, p. 48-60.

³³ SANTOS, P. P. A., Apocalipse.

³⁴ VANHOYE, A., L’Utilisation du Livre d’Ézéchiél dans L’Apocalypse, p. 436-476; RUIZ, J.-P., Ezekiel in the Apocalypse.

³⁵ PAULIEN, J., Criteria and Assesment of Allusions of the Old Testament in the Book of Revelation. Neste artigo o autor analisa dois grandes Comentadores do Apocalipse: Beale (1998) e Aune (1997-1998) sobre as relações entre Apocalipse e o Profeta Daniel. Atualíssima a Tese doutoral de STEFANELLI, O., Il Trafitto che viene com le nubi in Ap 1,17.

Considerando que em um livro narrativo a ação é o elemento principal e nesta se finaliza a descrição dos protagonistas e dos personagens, para Biguzzi é o Êxodo que fornece o modelo de ação de todo o livro do Apocalipse:

O Êxodo é o tema central que no Apocalipse se desenvolve entre a interrogação do qual nasce a trama narrativa e a resposta dada àquela interrogação na direção da conclusão do livro. Provem do Êxodo, portanto, não cenas introdutivas ou conclusivas, nem imagens tomadas por empréstimo do arsenal do AT e colocada aqui e ali, mas, provem do Êxodo a trama central do Apocalipse.³⁶

Na trama narrativa do Apocalipse subordinam-se “os grandes empréstimos” retirados de alguns livros vétero-testamentários, como Daniel, Ezequiel, Isaías e Zacarias, que por sua vez fornecem os elementos do Apocalipse que se poderia denominar de “iconográficos”.³⁷

Neste sentido percebe-se a mudança de interesse dos exegetas sobre o uso exclusivo do método histórico crítico para a avaliação das “fontes” textuais do AT no Apocalipse, há uma intensificação de estudos voltando-se para o “método intertextual”, no qual não se enfrenta o “como” se originou um determinado texto (interesse das críticas das formas, das fontes e da redação) para concentrar-se no “porque” daquele texto, para examinar o jogo multiforme de ecos, retomadas e citações que o compõem.³⁸

Existe uma grande diferença entre intertextualidade e influência textual, uma diferença que no passado, não foi tomada em consideração. Estabelecer a fonte do texto, em outras palavras, identificar quais textos influenciaram de modo significativo o texto considerado, significa fazer crítica das fontes. Observar a interação de diversas vozes no texto e no

³⁶ BIGUZZI, G., L'Antico Testamento nell'ordito dell'Apocalisse, p. 206.

³⁷ Desde o clássico artigo de MOLLAT, D., Apocalisse ed Esodo, p. 345-361, além do trabalho já citado de MÁRQUEZ, R. A., L'Antico Testamento nell'Apocalisse, e o mais atual artigo de SOMMER, M., Der tage der plagen.

³⁸ Um exemplo é a coletânea de HIEKE, Th. et al. (Ed.), Poetik und Intertextualität der Johannesapokalypse. Além do atualíssimo artigo de PEDROLLI, L., Strategia della Comunicazione profética e apocalittica, p. 101-119.

interior do leitor significa indicar a intrincada relação intertextual que conflui no processo de leitura.³⁹

A intrincada relação entre textos do AT no Apocalipse poderia ser definida, segundo Genette, como relações “transtextuais”, ele as define como uma “copresença” entre textos. Assim, o fenômeno da “transtextualidade” pode ser denominado também de “transcendência” textual do texto, trata-se do processo e estabelece-se uma conexão expressa pelo fato dos textos estarem em posição de relação, explícita ou não.

D. L. Marguerat, que colocou em relevo, no âmbito da análise narrativa bíblica, o papel do narrador e do leitor, demonstrou, à luz da intertextualidade, como todo texto possa insinuar um sentido que o leitor pode receber através de suas próprias competências e conhecimentos.

Bem antes, Moyise aplicava esta teoria ao Apocalipse. Concretamente, ele se serve da “intertextualidade”, seja para compreender a relação do autor com o AT, seja para colher as interações, entre “alusões” e o novo contexto no qual estas são recolocadas. Resulta que na pesquisa de Moyise ele não só constata uma profunda competência do autor em relação ao AT, mas “un number of competing voices” que o leitor⁴⁰ deve escutar e avaliar, seja separadamente, seja na inserção no novo contexto:

Uma voz se levanta do novo trabalho e sugere que devemos considerar o significado das palavras no modo que melhor se adapta ao contexto presente. Outros provêm do nosso conhecimento (consciente ou inscônscio) de textos particulares do Antigo Testamento, um tempo na história de Israel ou talvez um tema significativo ou um símbolo.⁴¹

³⁹ SNYMAN, G., “Who is Speaking?”, p. 428.

⁴⁰ Esse Universo de teorias literárias acerca das novas competências do leitor em sua ativa interação com textos literários produziu a configuração de uma verdadeira “antropologia literária”: ISER, W., *O Ato de Leitura*; DE CASTRO ROCHA, J. C., (Org.), *Teoria da Ficção*; COSTA LIMA, L., *A Literatura e o Leitor*. Em outra margem, um teórico da Leitura, P. Ricoeur teve grande importância na discussão filosofia hermenêutica: HAHN, L. E., *A Filosofia de Paul Ricoeur*. Um conceito incluído neste debate, aquele do Imaginário discutido em chave interdisciplinar: HOISEL, B., *Anais de um Simpósio Imaginário*; SANTOS, P. P. A., *Hipertextualidade e Ficção*, p. 63-86.

⁴¹ MOYISE, S., *The Old Testament in the Book of Revelation*, p. 296.

Em outras palavras, esta “pluralidade de vozes” para Moyise assume a semelhança de uma verdadeira e própria estratégia narrativa. Com uma rica bagagem de tradições escriturísticas de Israel, de um lado, João exprime de modo original a mensagem da obra, do outro, é pródigo em deixar sinais na mente do leitor e dos ouvintes através de imagens e figuras do passado. O impacto se torna ainda mais forte quando aquelas imagens e figuras são inseridas em um novo contexto, talvez inesperado.⁴² Neste ponto se torna mais plausível a alternativa colocada por Moyise: “o problema fundamental relacionado à presença de citações ou alusões do Antigo Testamento no Novo Testamento não é ‘como o autor tenha respeitado o contexto’, mas ‘de que modo os dois contextos interagiram’”.⁴³

Para Moyise, as palavras de uma citação ou de uma alusão podem de fato, ser mais ou menos as mesmas, mas o contexto que determina a suas leituras é diverso. Segundo Beale, ao contrário, João utilizou os textos do AT respeitando os contextos originais. Aquilo que pode parecer um modo “novo” de interpretar o texto, para ele é o resultado de novas lentes pressupostas através das quais se percebe o Antigo Testamento.

Contudo, há uma certeza em meio às naturais divergências entre métodos, que não se pode não sentir uma profunda admiração pelo gênio literário e religioso de um autor que soube unir fidelidade e fecunda originalidade. Pois se de um lado, João reelabora com originalidade, criatividade e liberdade imaginativa, expressões de fé e conceitos vétero-testamentários, do outro, tudo foi reelaborado e relido à luz da fé do autor que narra a sua visão haurindo daquela antiga e inesgotável “reserva” que é o AT:

O domínio que João tem dos quarenta rolos da Escritura vétero-testamentária permitiu-lhe de colocar em perfeita relação intertextual e de fazê-los progredir para além dos limites do particularismo, na direção da plenitude messiânica e escatológica, de modo que à criatividade e à maestria literária se acrescenta a riqueza temática e teológica.⁴⁴

⁴² Indispensável pensar as estratégias de leitura, isto é, atividade do leitor em conexão com as hipóteses retóricas colocadas pelo autor/texto. O que compõe o “jogo de leitura”: PEDROLI, L., *The Symbolism of the Apocalypse*, p. 469-491.

⁴³ MOYISE, S., *Intertextuality and the Book of Revelation*, p. 19.

⁴⁴ BIGUZZI, G., *L’Antico Testamento nell’ordito dell’Apocalisse*, p. 199.

4. Interação Isaiana no Apocalipse

Após discutir as perspectivas mais promissoras para a exegese atual do Apocalipse, sob a influência de novas teorias literárias, como a intertextualidade, para estabelecer novas funções e estratégias literárias do autor do Apocalipse em relação ao Antigo Testamento, em particular aquele originário de ambientes proféticos,⁴⁵ cabe examinar de perto o fenômeno da alusividade Isaiana no contexto de algumas unidades de Ap 14, 14-20 no estudo de Fekkes⁴⁶ e no Comentário de Vanni.⁴⁷

4.1. Isaías 63,3-6 no Apocalipse 14, 14-20

Segundo Fekkes nesta unidade do cap. 14 ocorrem duas sequências (14,14-20), que mesmo distintas derivam do uso do mesmo texto do AT. Além disso, a estrutura narrativa fundamental relacionaria as unidades de 14,14-20 e 19,11-21, juntamente com 6,12-17. Estas unidades descrevem o mesmo evento escatológico da parusia, sob diversos e detalhados pontos de vista. O esquema geral do “Dia do Senhor” em 6,12-17 é retomado com mais clareza na metáfora da “colheita” em 14,14-20, que a seu turno antecipa a derradeira intervenção do julgamento messiânico em 19,11-21. Em cada uma dessas seções se descreve o encontro final entre o “povo do mal” e do Deus Santo, tudo isso é concebido em termos de conflito militar e desenvolvido em larga escala de acordo com as tradições bíblicas do Dia de Jahveh e da guerra santa.⁴⁸

Em 14, 14-20, a perícopes da (hora da) colheita (v. 15: ὅτι ἦλθεν ἡ ὥρα θερίσαι⁴⁹), do julgamento e da Ira de Deus (v. 19: καὶ ἔβαλεν εἰς τὴν ληνὸν τοῦ θυμοῦ τοῦ θεοῦ τὸν μέγαν⁵⁰) João teceu de modo articulado elementos diversos

⁴⁵ BEAL, L. M. W.; BODA, M. J., *Prophets, Prophecy, and Ancient Israelite Historiography*, sobre um campo mais vasto de cooperações entre textos joaninos no Apocalipse e textos isaianos, é uma referência ao trabalho sobre a figura do “Servo Sofredor” no Apocalipse: LEAR, S., *Following the Lamb wherever he goes*, p. 295-315.

⁴⁶ FAKKES, J., *Isaiah and Prophetic Traditions in the Book Revelation*, p. 193-199.

⁴⁷ VANNI, U., *L’Apocalisse*, p. 514-523; OSBORNE, G. R., *Revelation*, p. 549-558; a introdução de AUNE, D. E., *Revelation 1-5*, p. XIVII-CCXI.

⁴⁸ WASSERMAN, E., *Apocalypse as holy war*.

⁴⁹ “porque é chegada a hora de ceifar, pois está madura a seara da terra”, grifo é nosso.

⁵⁰ “e atirou os cachos no grande lagar da Ira de Deus”, O grifo é nosso.

oriundos do profetismo do AT, da apocalíptica judaica e das antigas tradições cristãs e arranjou-os dentro de duas unidades interdependentes: 14,14-16 e 14,17-20.⁵¹ Segundo muitos comentadores existe uma unanimidade virtual concernente ao julgamento da colheita da uva, que em 14,17-20 refere-se ao julgamento dos maus, quanto ao significado de uma colheita inespecífica em 14,14-16 não existe um consenso entre os estudiosos.⁵² Para Fekkes o importante é reconhecer que a atividade de colheita e de reunião em 14,14-19a não constitui um julgamento propriamente dito, mas é um ato preparatório do ato de julgamento ilustrado pela metáfora do lagar (ἡ ληνός) de 14,19b-20. A colheita, a reunião e a fundição dos cachos maduros no lagar são estágios preliminares de uma cerimônia formal de julgamento.

Conseqüentemente, não se deve assumir que na mente de João existia uma clara divisão entre a colheita para a Salvação e aquela para o julgamento. No âmbito de sua “autoridade profética” ele quer na verdade, indicar quem será recolhido ou julgado/condenado com a Besta e seus seguidores.⁵³ Tal entendimento acerca da significação parenética da perícope da colheita se encaixa bem na série das admoestações e das exortações que conduziram a isso (14,6-13).⁵⁴

Em Ap 14,14 a colheita representa o aspecto positivo, o fruto das boas obras sobre a terra, inclusive do “sacrifício” dos justos na história. Trata-se de uma ação exclusiva de Cristo Ressuscitado, que tem a foice afiada (τὸ δρέπανον

⁵¹ VANNI, U., Apocalisse di Giovanni, p. 515: “Do tempo sai um outro anjo que parece dar ordens precisas ao Filho do Homem. O versículo 15 se reconecta explicitamente ao terceiro anjo no v. 9 (Καὶ ἄλλος ἄγγελος τρίτος). Assim, há uma confirmação da unidade das duas partes que se seguem em crescente”.

⁵² VANNI, U., Apocalisse di Giovanni, p. 517: Em Ap 14, 16: “καὶ ἔβαλεν ὁ καθήμενος ἐπὶ τῆς νεφέλης □ τὸ δρέπανον αὐτοῦ ἐπὶ τὴν γῆν, καὶ ἐθερίσθη ἡ γῆ.”: “E aquele que estava sentado sobre a nuvem lançou sua foice sobre a terra e a terra foi ceifada”. “O imediato contexto e fundo da perícope parece ser aquele da feliz colheita, que em toda a tradição bíblica nos leva a imaginar um valor positivo. O bem que se desenvolve na história humana (terra) é representada pela imagem da colheita que cresce e amadurece até atingir o tempo da ceifa”.

⁵³ Trata-se de entender o ambiente do Cristianismo primitivo em suas diversas raízes escatológicas presentes nas tradições neotestamentárias: KRANS, J., et al., Paul, John, and apocalyptic eschatology.

⁵⁴ VANNI, U., Apocalisse di Giovanni, p. 502: “As correspondências entre 14,6-13 e 14,15-20 sugerem que toda a perícope de 14,6-20 constitui uma grande cena unitária que segue o filão literário da sucessão dos anjos. Confrontando mais de perto as duas partes do quadro, notamos um andamento em crescimento: O anúncio profético da primeira parte é realizado na segunda”.

ὄξυ.) e executa a colheita do bem. Ao mesmo tempo, surge no v. 19b a descrição de uma ação inesperada, aquela de “lançar” (ἔβαλεν) o fruto das videiras da terra no lagar da ira de Deus (καὶ ἔβαλεν εἰς τὴν ληνὸν τοῦ θυμοῦ τοῦ θεοῦ τὸν μέγαν.), quando se esperaria que se recolhesse o fruto da colheita dos frutos. Segundo Vanni, isso é uma estratégia literária do narrador para apresentar um novo filão à narrativa da colheita. E assim começaria a explicitação adjuntiva e negativa da colheita, que se desenvolveria nas três retomadas do motivo literário do termo “ἡ ληνὸς” (o lagar: v. 19b, 20a.b). E graças à relevância literária do termo lagar (ἡ ληνὸς) na unidade final (vv.19-20) pode-se explicitar as alusões isaianas e de outros profetas na Mensagem do Profeta apocalíptico.

4.2. Intertextualidades: Is 63, 3-6 em Ap 14, 19c-20a

Na unidade de 14, 14-20 encontra-se uma “confluência” de vários con(textos) proféticos do AT, em particular Is 63,3-6,⁵⁵ na qual a tradição joanina se apropria de imagens e ações proféticas variadas para tecer a trama dos três anjos e do “Filho do Homem”, no contexto da ação escatológica do julgamento que virá.

Segundo Fekkes, a perícopé da colheita abre com uma descrição visiva da figura de alguém como um filho do homem coroadado e sentado sobre uma nuvem, essa visão é indiscutivelmente uma alusão a Dn 7,13-14.⁵⁶ O rei coroadado confirma a relação com 19,11-21 e antecipa o anúncio formal de Cristo como Rei dos reis em 19, 16 (καὶ ἔχει ἐπὶ τὸ ἰμάτιον καὶ ἐπὶ τὸν μηρὸν αὐτοῦ ὄνομα γεγραμμένον Βασιλεὺς βασιλέων). A identificação desta figura do Messias parece confirmar o uso de Dn 7 desde que se perceba a incomum utilização do anjo na seção que dá ordem ou exorta o filho do homem. Isso é bem destacado quando se compara Dn 7,13-14 e Ap 1,7, destacando uma série de “variações” que demonstram a ausência de uma estrita “citação” de Dn 7 em Ap 1,7:

⁵⁵ “Eu pisei sozinho o lagar, e ninguém dentre os povos me auxiliou. Então, eu os calquei com cólera, esmaguei-os com fúria; o sangue deles espirrou sobre meu vestuário, manchei todas as minhas roupas. É que eu desejava um dia de vingança, e o ano da redenção dos meus havia chegado. Olhei, então, e não houve pessoa alguma para me ajudar; estranhei que ninguém me viesse amparar; então, apelei para meu braço e achei forças na minha indignação. Por isso, na minha cólera, arrasei os povos, na minha fúria triturei-os, fazendo correr seu sangue pela terra”.

⁵⁶ Sobre o substrato de Daniel em Ap 1,7: STEFANELLI, O., “Il trafitto” che viene nelle Nuve, p. 62-83, também VANNI, U., Apocalisse di Giovanni, p. 65-69.

O autor do Apocalipse não se aproveita de esquema pré-concebidos, ao contrário, é sempre livre e criativo. Além disso, das imagens extraídas do AT, ele faz emergir novos significados, como é o caso “Daquele que vem” sujeito implícito de Ap 1,7a, o qual também se refere à “obscuro/clara” figura de “(um) como um filho do homem” de Dn 7,13, todavia não se compara, nem a substitui. Para usar uma linguagem própria da intertextualidade, parece que entre a antiga figura de “um” como filho do homem de Dn 7,13 e o novo “que Vem” de Ap 1,7a se criou um “diálogo” que o leitor deve saber ouvir.⁵⁷

A forma e muito da linguagem da ordem do anjo para ceifar e colher parece proceder de Joel 4,13a⁵⁸ (“Metei a foice, a messe está madura”), como se lê em 14, 15b (Πέμψον τὸ δρέπανόν σου καὶ θέρισον, ὅτι ἦλθεν ἡ ὥρα θερίσαι) e 14,18c (Πέμψον σου τὸ δρέπανον τὸ ὄξυ καὶ τρύγησον τοὺς βότρυας τῆς ἀμπέλου τῆς γῆς). Em ambos os textos, João expandiu o texto de Joel com um ponto adicional, como se lê em 14,15b e se percebe que há provavelmente a presença de Jer 51,33c,⁵⁹ onde o futuro julgamento de Babilônia é comparado a uma debulha quando é pisoteada, no momento da colheita. Segundo Fekkes, o cumprimento da colheita das uvas conduz diretamente para a metáfora de 14,19c.20a. Pode-se então assumir que Joel 4,13 serve de “espinha dorsal” da redação de Ap 14,15-18, do qual a metáfora da colheita nos vv. 19-20 são dependentes. Isso indica sem dúvida que João compilou conjuntamente dois textos, Joel 4,13 e Is 63,3, ambos nos quais o uso do pisotear das uvas é figura do julgamento.

Conclusão

Não deve ser surpreendente que João tenha aqui transferido a imagem de Isaías 63, onde Deus é o agente, para Cristo, já que esta é sua característica e a dos escritores cristãos em geral, para assimilar o o

⁵⁷ STEFANELLI, O., Il “Trafitto” che viene nelle nube, p. 73.

⁵⁸ TM: באו קציר בשל פי מזל שלח // LXX: ἐξαποστείλατε δρέπανα, ὅτι παρέστηκεν τρύγητος.

⁵⁹ (לְ) עַתְּהָא צִיר וּבָאָה מְעַד יוֹד הַרְרִיקָה עַתְּהָא בְּתַבְבְּלָהּ אֶלְהִי צְבָאָה הִנֵּה אָמַר כֹּה יָבֹא (בְּ) // LXX: καὶ ἠλλαξεν τὴν στολὴν τῆς φυλακῆς αὐτοῦ καὶ ἤσθιεν ἄρτον διὰ παντός κατὰ πρόσωπον αὐτοῦ πάσας τὰς ἡμέρας, ἄς ἔζησε // “Porque eis o que falou o Senhor dos exércitos, Deus de Israel: ‘Assemelha-se a filha da Babilônia à eira do tempo do apisoamento, ainda por um pouco, e para ela logo virá o tempo da colheita’”.

antigo “Dia do Senhor” e os textos de Julgamento e transferi-los para o Messias, como Agente de Deus.⁶⁰

No contexto das leituras intertextuais da tradição Joanina de textos Isaianos da Vingança/Ira de Deus e do Julgamento, parece que o tema do “lagar” é que coloca o texto de Ap 14,19-20 em situação intertextual com Is 63,3-6. O contexto é claramente de vingança. O lagar contém os inimigos que serão pisoteados como uva e destruídos, e por causa do pisoteamento seu sangue escorre para fora do lagar. A imagem revela um profundo furor de Deus, sua ira incontornável que se abate sobre seus inimigos. Segundo Vanni, o autor do Apocalipse retoma do texto isaiano ao menos três elementos: o Furor (θυμοῦ τοῦ θεοῦ), o lagar pressionado e o sangue que escorre (καὶ ἐξῆλθεν αἷμα). Mas, parece que João constrói o versículo em torno do termo “lagar” (ἡ ληνός),⁶¹ que ocorre três vezes e é o fio de ariadne da mensagem.

Em primeiro lugar, o lagar é colocado em relação com a imensa “ira divina” que se manifesta concretamente e no lagar que a contém. Utilizando uma anomalia gramatical (o verbo lançar “ἔβαλεν” no lugar de recolher) João compara a ira de Deus (θυμοῦ τοῦ θεοῦ) ao lagar, que possui uma capacidade imensa, que não se pode mensurar usualmente.⁶²

Em segundo lugar, o texto afirma que o lagar foi pisoteado fora da cidade (o agente do pisoteamento é Deus que age através de Cristo). Isso parece importante, se considerarmos que na grande unidade de 14,6-20 há uma explícita referência a Babilônia em 14,8: “Ἐπεσεν, ἔπεσεν Βαβυλῶν ἡ μεγάλη, ἧ ἔκ τοῦ οἴνου τοῦ θυμοῦ τῆς πορνείας αὐτῆς πεπότικεν πάντα τὰ ἔθνη”.⁶³ Deste

⁶⁰ FEKKES, J., *Isaiah and Prophetic Traditions in the Book Revelation*, p. 198.

⁶¹ BORNHAMM, G., ληνός, p. 254-257; BAILLY, A., ληνός, p. 1188.

⁶² Como em Joel 4,13, onde a ira (divina) está relacionada explicita e exclusivamente ao transbordamento do lagar. Além disso, João insiste também sobre a extensão do derramamento de sangue: mil e seiscentos estádios (σταδίων χιλίων ἑξακοσίων), visto que um “estádio” equivale a 185 m, temos um raio de de expansão de 296km. O número não contém um simbolismo preciso, mas tem função de indicar uma extensão vastíssima, que engloba e supera os limites da cidade. Sobre a simbologia no Apocalipse: VANNI, U., *Il Simbolismo dell’Apocalisse*, p. 31-61.

⁶³ Ap 14, 8: “Outro anjo seguiu-o, dizendo: ‘Caiu, caiu a grande Babilônia, por ter dado de beber a todas as nações do vinho de sua imundície desenfreada’”. Segundo VANNI, U., *Apocalisse di Giovanni*, p. 506-507, a destruição da cidade será descrita com uma sóla expressão, enriquecida ulteriormente em 18,2-4. O anúncio reelaborado pelo nosso autor segundo o estilo que lhe é peculiar provém literalmente de Is 21,9 (TM: שָׁבַר אֶלְתַּיִהּ וְכַל-פִּסְתֵּי בְּבַלְבֵּל נִפְלְאָה נִפְלְאָה וַיִּאֶמֶר וַיֵּשֶׁר //

modo torna-se quase espontânea a identificação com aquela cidade. Para Vanni, trata-se da “figura do sistema terrestre”, na qual se desenvolvem os elementos de sua própria história: as uvas são amadurecidas, e é formado, inclusive seu vinho. Na colheita (ceifa) final, junto ao fruto positivo da humanidade, será recolhido (aliás, jogado no lagar) aquele negativo, proveniente da Babilônia.

Em terceiro lugar, no mesmo lagar em que a uva foi lançada e pisoteada, sairá sangue (καὶ ἐξῆλθεν αἷμα). Aqui se afirma que o sangue não é metafórico, como expressão “suco da videira”, mas sairá sangue em sentido próprio, como sugere o texto pela quantidade de sangue que se derrama do lagar.

O sangue de Babilônia e de todos os inimigos será derramado em uma quantidade extraordinária, indicando a imensa ira de Deus, que inundará a cidade, a ponto de submergi-la. Essa imagem está em diálogo com aquela do sangue dos mártires (profetas e santos) derramado por Babilônia e que agora se encontra nela mesma, restabelecendo o equilíbrio entre as forças do mal e do bem.

A expressão até os “freios dos cavalos” (ἄχρι τῶν χαλινῶν τῶν ἵππων) indica a altura da inundação de sangue, e por outro lado, indica também, um contexto de guerra, no qual a ira de Deus abaterá todos os seus inimigos através de Cristo Ressuscitado coroado, sobre a nuvem, com sua foice afiada.

No entanto, a interpretação messiânica Joanina de Is 63,1-6 pode ser resultado de um procedimento exegético mais complexo, através do qual, um texto não messiânico pode ter sido reinterpretado à luz de um texto messiânico que contém ideias ou terminologias similares.⁶⁴

Fekkes refere-se a leitura de Gn 49,11b (δεσμεύων πρὸς ἄμπελον τὸν πῶλον αὐτοῦ καὶ τῆ ἔλικι τὸν πῶλον τῆς ὄνου αὐτοῦ· πλυεῖ ἐν οἴνῳ τὴν στολὴν

LXX: καὶ ἰδοὺ αὐτὸς ἔρχεται ἀναβάτης συνωρίδος· καὶ ἀποκριθεὶς εἶπεν Πέπτωκεν Βαβυλῶν // Tomam a palavra e dizem-me: “Caiu, caiu Babilônia! Todos os simulacros de seus deuses foram despedaçados contra a terra”. Para o Apocalipse Babilônia não é a cidade histórico-geográfica a que se refere Isaías, mas uma figura simbólica, que concretiza um modelo de vida totalmente negativo (sistema terrestre) com uma notável capacidade de atração em relação aos seres humanos, que são seduzidos pelo seu fascínio danoso. Na nota 593, p. 506, Vanni recorda, porém, que no tempo dos profetas a Babilônia já possuía uma valência negativa e no âmbito apocalíptico a sua ruína era sinal da destruição de todas as forças perversas. DOGLIO, C., *Apocalisse di Giovanni*. E em particular sobre Babilônia no Apocalipse: DI GIORGIO, M., *Il Mistero di “Babilonia la grande” e della sua caduta nell’ Apocalisse di Giovanni*.

⁶⁴ FEKKES, J., *Isaiah and Prophetic Traditions in the Book Revelation*, p. 199.

αὐτοῦ καὶ ἐν αἵματι σταφυλῆς τὴν περιβολὴν αὐτοῦ·) onde ocorre a profecia de Judá (“Amarra à videira o jumentinho, à cepa o filho da jumenta. Lava com o vinho suas vestes, com o sangue das uvas o seu manto”). De fato, João já utilizara Gn 49,9 messianicamente no cap. 5,5 (“Então, um dos Anciãos me falou: “Não chores! O Leão da tribo de Judá, o descendente de Davi venceu para abrir o livro e os seus sete selos”) e isso é significativo para o contexto de 19,11.15 que é dominado por um testemunho similar, tradicionalmente associado com o Messias Davídico (Is 11, Sl. 2). A linguagem e a imagem compartilhadas entre Gn 49 e Is 63 constituem um “tópos” no qual as vestes encharcadas de “sangue” podem oferecer de fato, uma base de comparação.

Referências bibliográficas

ABASCIANO, B. J. **Paul’s Use of the Old Testament in Romans 9.1–9**. An Intertextual and Theological Exegesis. London: T&T Clark, 2014.

ALLEN, D.; SMITH, S. (Eds.). **Methodology in the use of the Old Testament in the new: context and criteria**. New York: Bloomsbury Publishing, 2019.

ASURMENDI, J. Daniel e a Apocalíptica. In: LAMADRID, A. G.; et al (Org.). **História, Narrativa, Apocalíptica**. São Paulo: Ave-Maria, p. 411-445. v.3.

AUNE, D. E. **Prophecy in Early Christianity and the Ancient Mediterranean World**. Grand Rapids: Eerdmans, 1983.

AUNE, D. E. **Revelation 1-5**. Nashville: Thomas Nelson, 1997.

BAILLY, A. ληνός. In: BAILLY, A., et al. **Dictionnaire Grec Français**. Paris: Hachette, 1963, p. 1188.

BEAL, L. M. W.; BODA, M. J. **Prophets, Prophecy, and Ancient Israelite Historiography**. Pen: Eisebrauns, 2013.

BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

BEALE, G. K. **John’s use of the Old Testament in Revelation**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998.

BORNKAMM, G. ληὸς. In: KITTEL, G. (Ed.). **Theological Dictionary of the New Testament**. Grand Rapids: W. B. Eerdmans, 1967. p. 254-257. v.IV.

BIGUZZI, G. L'Antico Testamento nell'ordito dell'Apocalisse. **Ricerche storico bibliche** XIX, n. 57, p. 193-213, 2007.

BRATCHER, R. G. **Old Testament Quotations in the New Testament**. London: UBS, 1967.

BROCK, S. P.; FRITSCH, Ch. T.; JELICOE, S. **A classified bibliography of the Septuagint**. Leiden: Brill, 1973.

CASTELLI, S. **Johann Jakob Wettstein's Principles for New Testament Textual Criticism: A Fight for Scholarly Freedom**. Leiden: Brill, 2020.

CHAN, M. **Christology From Within and Ahead: Hermeneutics, Contingency and the Quest for Transcontextual Criteria in Christology**. Leiden: Brill, 2000.

COLLINS, A. Y. **Rewritten Prophets. The Use of Older Scripture in Revelation**. In: HIEKE, Th. et al. (Eds.). **Poetik und Intertextualität der Johannesapokalypse**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2015. p. 291-300.

COLLINS, A. Y.; COLLINS, J. J.; VILLIERS, P. G. R. (Orgs.). **Apocalypticism and Mysticism in Ancient Judaism and Early Christianity**. Berlin: De Gruyter, 2018.

COLLINS, J. J. **Rabbinic Exegesis and Pauline Exegesis**. **The Catholic Biblical Quarterly (CBQ)**, v. 3, n. 2, p. 145-158, 1941.

COOK, J. (Ed.). **Septuagint and reception: essays prepared for the Association for the Study of the Septuagint in South Africa**. Leiden: Brill, 2009.

COSTA LIMA, L. **A Literatura e o Leitor**. Textos de Estética da Recepção. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

DE CASTRO ROCHA, J. C. (Org.). **Teoria da Ficção**. Indagações à Obra de Wolfgang Iser. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

DECOCK, P. B. **The Scriptures in the Book of Revelation**. **Neotestamentica**, v. 33, n. 2, p. 373-410, 1999.

DI GIORGIO, M. Il Mistero di “Babilonia la grande” e della sua caduta nell'Apocalisse di Giovanni. Realtà profetico-sapienziale per il cristiano di oggi. Assisi: Cittadella, 2016.

DE JONGE, M. (Ed.). **Jewish eschatology, early Christian christology, and the Testaments of the twelve patriarchs**. Leiden: Brill, 1991.

DESILVA, D. A. Final Topics: The Rhetorical Functions of Intertexture in Revelation 14:14-16:21. In: WATSON, D. F. (cura). **The Intertexture the Apocalyptic Discours in the New Testament**. Michigan: Baker, 2002. p. 215-241.

DESILVA, D. A. **Seeing Things John's way**: The Retic of the Book of Revelation. Louisville: KY, 2009.

DOGLIO, C. **Il Primogenito dei Morti**. La Rissurrezione di Cristo e dei cristiani nell'apocalisse di Giovanni. Bologna: EDB, 2005.

DOGLIO, C. **Apocalisse di Giovanni**. Traduzioni e Commento. Milano: San Paolo, 2012.

EHRMAM, B. D.; HOLMES, M. W. (Eds.). **The text of The New Testament in the Contemporary Research**. Grand Rapids: Eerdmans, 1995.

EVANS, C. A.; OROPEZA, B. J.; SLOAN, P. T. **New studies in textual interplay**. London: T&T Clark, 2020.

ISER, W. **O Ato de Leitura**. 2vols. São Paulo: Ed. 34, 1996.

ISER, W. **O Fictício e o Imaginário**. Perspectivas de uma Antropologia Literária. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

JEFFREY, A. **Is Paul also among the prophets?** An examination of the relationship between Paul and the Old Testament prophetic tradition in 2 Corinthians. London: T&T Clark, 2012.

FEKKES, J. **Isaiah and Prophetic Traditions in the Book Revelation**. Visionary Antecedents and their Development. Sheffield: JSOT Press, 1993.

GENETTE, G. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Belo horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

HOISEL, L. E. **A Filosofia de Paul Ricoeur**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

- HANSON, A. T. **The Prophetic Gospel**. London: T&T Clark, 1991.
- HATINA, T. R. Intertextuality and Historical Criticism in the New Testament Studies: Is there a Relationship?. **Biblical Interpretation**, n. 7, p. 28-43, 1999.
- HENTEN, J. W. The Intertextual Nexus of Revelation and Graeco-Roman Literature. In: HIEKE, Th. et al. (Ed.). **Poetik und Intertextualität der Johannesapokalypse**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2015. p. 395-422.
- HIEKE, Th. et al. (Ed.). **Poetik und Intertextualität der Johannesapokalypse**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2015.
- HIEKE, Th. Die literarische theologische Funktion des Alten Testaments in der Johannesoffenbarung. In: HIEKE, Th. et al. (Ed.). **Poetik und Intertextualität der Johannesapokalypse**. Tübingen: Mohr Siebeck, 2015. p. 271-290.
- HELISO, D. **Pistis and the righteous one**: a study of Romans 1:17 against the background of scripture and Second Temple Jewish literature. Tübingen: Mohr Siebeck, 2007.
- HOISEL, B. **Anais de um Simpósio Imaginário**. São Paulo: Palas Athena, 1998.
- KOWALSKI, B. Alles neu gemacht? Alttestamentliche Texte in der Offenbarung des Johannes. In: GRADL, H.-G.; STEINS, G.; SCHULLER, F. (Hg.). **Am Ende der Tage**. Apokalyptische Bilder in Bibel. Regensburg: Pustet, F, p. 48-67, 2011.
- KRANS, J. et al. **Paul, John, and Apocalyptic Eschatology**: Studies in Honour of Martinus C. de Boer, Leiden: Brill, 2013.
- KRISTEVA, J. **Recherches pour une sémanalyse Essais**. Paris, 1970.
- KRISTEVA, J. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- LEAR, S. Following the Lamb wherever he goes. The reception of Isaiah's Servant Narrative in Revelation. In: LYONS, M. A.; STROMBERG, J. (Eds.). **Isaiah's Servants in Early Judaism and Christianity**. The Isaiah Servant and the Exegetical Formation of the Community Identity. Tübingen: Mohr Siebeck, 2021. p. 295-315.
- LIEBER, L. **Jewish Aramaic poetry from late antiquity**: translations and commentaries. Leiden: Brill, 2018.

MARCONCINI, B. L'Utilizzazione del T.M. nelle citazione isaiane dell'Apocalisse. **Rivista Biblica**, n. 24, p. 113-136, 1976.

MARGUERAT, D. L. **Per leggere racconti biblici**. La Bibbia si racconta. Iniziazione all'analisi narrativa (per leggere). Roma: Feltrinelli, 2011.

PÉREZ MÁRQUEZ, R. A. **L'Antico Testamento nell'Apocalisse**. Storie, bilancio e prospettive. Assisi: Cittadella, 2010.

MOLLAT, D. Apocalisse ed Esodo. In: MOLLAT, D. et al. (Eds.). **S. Giovanni**. Atti della settimana Biblica. Brescia: Paidea, 1964. p. 345-361.

MOLONEY, F. **The Johanne Son of the Man**. Roma: LAS, 1978.

MONTAGUE, R. J. **The apocryphal New Testament, being the apocryphal Gospels, Acts, Epistles, and Apocalypses, with other narratives and fragments**. London: Clarendon, 1950.

MOYISE, S. Intertextuality and the Book of Revelation. **The Expository Times**, n. 104, p. 295-297, 1993.

MOYISE, S. **The Old Testament in the Book of Revelation**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1995.

NEWTON, M. **The concept of purity at Qumran and in the letters of Paul**. Cambridge: Cambridge Press University, 1985.

NITRINI, S. **Literatura Comparada**. São Paulo: edUSP, 1997.

OSBORNE, G. R. **Revelation**. Grands Rapids: Baker, 2002.

PAGANIN, I. Si Compia la Scrittura. I rimandi della Scripttura pronunciati da Gesù in Gv 13-17. Roma: **Analecta Biblica** n. 232, 2021.

PATTE, D. M. **Romans: Three Exegetical Interpretations and the History of Reception**. London: T&T Clark, 2018. v.1.

PAULIEN, J. Criteria and Assesment of Allusions of the Old Testament in the Book of Revelation. In: MOYISE, S. **Studies in The Book of Revelation**. Edinburg: T&T Clark, 2010. p. 113-130.

PEDROLI, L. **Dal Fidanzamento alla Nuzialità Escatologica**. Assisi: Cittadella, 2007.

PEDROLI, L. The Symbolism of the Apocalypse: The original Contribution of Stylistic and Rhetorical Devices. **Estudios Bíblicos**, vol. LXXVII, Cuaderno 3, p. 469-491, 2020.

PEDROLI, L. Strategia della Comunicazione profetica e apocalittica. **Ricerche Storico-Bibliche**, Vol 33, p. 101-119, 2021.

PENNA, R. L'Atteggiamenti di Paolo verso l'Antico Testamento. **Rivista Biblica**, n. 32, p. 175-210, 1984.

PIOVANELLI, P.; BURKE, T.; PETTIPIECE, Th. (Eds.). **Rediscovering the apocryphal continent**: new perspectives on early Christian and late antique apocryphal texts and traditions. Tubingen: Mohr Siebeck, 2015.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A Interpretação da Bíblia na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1994.

PORTER, S. The Language of the Apocalypse in Recent Discussion. **New Testament Studies**, v. 35, n. 4, p. 582-603, 1989.

PRINCE, G. Gérard Genette and the Pleasures of Poetics. **Narrative**, v. 18, n. 1, p. 3-7, 2010.

RAMSEY, M. **The Spirit of Prophecy Defended**. Leiden: Brill, 2003.

RUIZ, J.-P. **Ezekiel in the Apocalypse**. The Transformation of the prophetic language in Revelation 16,17-19,10. Frankfurt: Peter Lang, 1989.

SANTOS, P. P. A. A Profecia Cristã no Novo Testamento: Uma Tentativa de Reconstrução do fenômeno da Profecia no Cristianismo Primitivo. **Atualidade Teológica**, v. 4, n. 6/7, p. 71-102, 2000.

SANTOS, P. P. A. O Apocalipse de Jesus Cristo. Testemunho e Espírito da Profecia. A Tradição e a Eclesialidade joaninas como fonte e testemunho na busca de Traços do Cristianismo Primitivo. **Atualidade Teológica**, v. 5, n. 8, p. 39-51, 2001.

SANTOS, P. P. A. Reflexões sobre as mudanças paradigmáticas nos estudos de literatura: contribuição das estéticas da recepção e do efeito. **Nonada**, v. 11, p. 48-60, 2009.



SANTOS, P. P. A. Hipertextualidade e Ficção: Uma Nova Estética dos Processos Contemporâneos de Leitura? **Glauks**, v. 9, p. 63-86, 2010.

SANTOS, P. P. A. **Apocalipse**: Do Espírito da Verdade ao Espírito da Profecia. 1.ed. São Paulo: Reflexão, 2015.

SANTOS, P. P. A. ἄτινά ἐστιν ἀλληγορούμενα (Gl 4, 24). Os Filhos de Sara e Agar: Alegoria e Hermenêutica cristã primitiva das Escrituras na Carta aos Gálatas. **ReBiblica**, v. 2, 2021, p. 86-112. Disponível em: <<https://doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2021v2n3p88>>. Acesso em: 20 fev. 2022.

SHINAN, A. **The Biblical Story as Reflected in Its Aramaic Translations**. Tel Aviv: Hakibbutz Hameuchad, 1993.

SNYMAN, G. “Who is speaking? Intertextuality and Textual Influence”. **Neotestamentica** n. 30, p. 427-449, 1996.

SOMMER, M. **Der tage der plagen**. Studien zur Verbindung der Rezeption von Ex 7-11 in der Posaunen- Schalenvisionem der Johannesoffenbarung und der Taf des Herrn-Tradition. Tübingen: Mohr Siebeck, 2015.

STEFANELLI, O. **Il Trafitto che viene con le Nubi in Ap 1,7**. Studio intertestuale del primo annuncio profético dell’Apocalisse. Bologna: EDB, 2017.

VANHOYE, A. L’Utilisation du Livre d’Ézéchiel dans L’Apocalypse. **Biblica**, n. 43, p. 436-476, 1962.

VANNI, U. **L’Apocalisse**. Ermeneutica. Esegese. Teologia. Bologna: EDB, 1991.

VANNI, U. Il Simbolismo dell’Apocalisse. In: VANNI, U. **Apocalisse di Giovanni**. Assisi: Citadella, 2018, p. 31-61. v.2.

VANNI, U., **Apocalisse di Giovanni**. Cittadella Editrice, 2018. Primo Volume.

VOS, L. A. **The Synoptic Traditions in the Apocalypse**. Kampen: Kok, 1965.

YOONJONG, K. **The Divine-Human Relationship in Romans 1–8 in the Light of Interdependence Theory**. London: T&T Clark, 2020.

WASSERMAN, E. **Apocalypse as Holy War Divine Politics and Polemics in the Letters of Paul**. Yale: Yale University Press, 2018.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2022v3n5p181

WILLS, T. The Old Testament and the Book Revelatio. In: PRISTER, J. et al. (Eds.). **Johannine Studies**: Essays in Honor of Frank Pack. Malibu: Pepperdine, 1989. p. 231-290.

Pedro Paulo Alves dos Santos

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università Gregoriana
Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: pedosantos@gmail.com

Recebido em: 16/03/2022

Aprovado em: 26/04/2022